

190 → Único índio já eleito para o Congresso está **pobre e debilitado**

Mário Juruna, mesmo doente, quer defender nação indígena

JÁDER REZENDE
→ REPÓRTER

Aos 55 anos, pobre, doente e dependente de uma cadeira de rodas para se locomover, o cacique xavante e ex-deputado federal Mário Juruna continua vivendo em Brasília decidido a cumprir uma missão: defender as nações indígenas do país. Único aborígene a ocupar uma cadeira no Congresso Nacional, Juruna lamenta não ter sido reeleito deputado federal "por falta de dinheiro e problemas de comunicação". Da época de parlamentar não guarda boas recordações. Depois de finalizar seu mandato, foi abandonado pela mulher "cara pálida" e "pelos que se diziam amigos", segundo definição dele próprio, "um bando de puxa-sacos".

Juruna foi deputado federal pelo PDT do Rio de Janeiro no período de 1982 a 1986, incentivado pelo ex-governador Leonel Brizola. Apresentou dez projetos de lei e teve apenas um aprovado, o que instituiu a Comissão de Defesa do Índio. Há 12 anos mora em uma casa com sete cômodos no Guarã 2 - único bem que possui -, e só sai, muito a contragosto, para ir ao hospital ou à Funai. Está se recuperando de uma pneumonia e há um ano ficou impossibilitado de andar com as próprias pernas. Problemas de



Um índio **desiludido** e pobre (acima), Juruna tem na família...



...e amigos "peles vermelhas" um **pouco de conforto**

osteoporose (diminuição da densidade do osso) o levaram a se submeter a uma cirurgia delicada. Afirma que, por falta de dinheiro, não faz as sessões de fisioterapia indicadas.

Na sala do ex-deputado índio, um jogo de sofá surrado, uma estante com um aparelho de videocassete e uma TV de 20 polegadas e algumas fitas de filmes de banguê-banguê e aventura, além de uma mesa de jantar sem cadeiras. Juruna assegura ser o conforto mais do que necessário. Mesmo endividado, não dá o braço a torcer. "Dinheiro não vale nada. O que conta é moral, a sinceridade e a honestidade, coisas que o dinheiro não compra", filosofa.

Como "assessor especial" do PDT fluminense, sobrevive hoje com uma renda de pouco mais de R\$ 1 mil. Por não ter gozado oito anos de mandato, não tem direito a pensão de parlamentar. "Estou devendo muito dinheiro na farmácia e no açougue e minha casa vive sempre cheia", desabafa. Só nesta semana recebeu 20 índios que vieram a Brasília procurar tratamento médico. Sua única diversão é assistir a programas amenos na TV, como os episódios do Chaves e a reprise da novela Pantanal. Afirma nunca ter ido ao cinema e revela ser fã "da cantora do Titanic". "Ela é muito linda".

Interlocutor de causas indígenas

A casa de Juruna se transformou em uma espécie de comitê de assistência às populações indígenas. O cacique xavante afirma receber, em média, cinco telefonemas por semana de chefes de outras tribos pedindo sua intervenção junto da Funai em busca de soluções para toda sorte de problemas. Na última quarta-feira, 9, ele decidiu se encontrar pessoalmente com o presidente da Funai, Sullivan Sil-

vestre. "Muitas tribos estão sofrendo com a falta de assistência médica e de professores. Não sei como sobreviveremos", desabafou.

Segundo Juruna, seu desalento é amenizado pelos 11 filhos e 40 netos. "Se não fosse por eles já teria morrido de tristeza", diz. O filho mais velho, Leonardo Urebeté Juruna, de 33 anos, quer seguir carreira política. Leonardo mora na aldeia de origem, no

Mato Grosso, está concluindo o segundo grau e ainda não decidiu se estudará Direito ou Pedagogia. Ao contrário do pai, que acha Brasília "um inferno", morre de amores pela capital federal. "É uma cidade maravilhosa, moderna e apaixonante", declara.

Indignado com a morosidade da Justiça no caso do índio Galdino, morto queimado por quatro adolescentes, ano passado, na Asa Sul do

DF, Juruna declara, apoiado por Leonardo: "Se fosse na terra de índio seria dente por dente." E radicaliza: "Sou a favor da pena de morte".

Perguntado por que não retorna às suas origens, dispara: "Aqui posso defender meu povo." Seu famoso gravador foi doado a um museu de Campo Grande (MS) e as cerca de 50 fitas k7 foram parar no lixo. "Só tinha mentiras", revela. (J.R.)